ISSN Eletrônico: 1984-0187
ISSN Impresso: 1518-5648

https://doi.org/10.5212/OlharProfr.v.29.26789.039

Psicologia do Digital: cuidado, resistência e invenção em tempos de tecnologias em disputa - um diálogo com Daniel Abs

Psychology of the Digital[1]: care, resistance and invention in times of technologies dispute - a dialogue with Daniel Abs

Psicología del Digital: cuidado, resistencia e invención en tiempos de tecnologías en disputa - un diálogo con Daniel Abs

Deborah Karolina Perez[2]
https://orcid.org/0000-0003-4876-0212
Daniel Viana Abs da Cruz[3]
https://orcid.org/0000-0001-8808-2773

Apresentação

Esta entrevista objetivou abordar questões teórico-metodológicas sobre os fundamentos epistemológicos da Psicologia do Digital, na perspectiva da formação de psicólogos e educadores críticos, inventivos e pesquisadores da práxis educativa em contextos digitais. Nesse sentido, buscou-se apresentar as percepções do pesquisador e prof. Dr. Daniel Abs sobre os desafios impostos à sociedade acerca do digital. A atenção concentrou-se, sobretudo, nos impactos gerados na Educação e na Psicologia pelas atuais transformações tecnológicas que se consolidam no cenário educacional brasileiro, especialmente no campo da formação docente e da constituição de subjetividades no digital.

[1] A escolha da tradução em inglês do nome "Psicologia do Digital" como *Psychology of the Digital* e não *Digital's Psychology* é proposital. E tem como objetivo evitar a confusão com Psicologia Digital.

[2] Doutora em Psicologia e Sociedade pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Docente na Faculdade Vanguarda de São José dos Campos - SP. E-mail: deborahkarolina@gmail.com

[3] Doutor em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Pós-Doutorado em Psicologia Social no Institut de Recerca de Qualitat de Vida da Universitat de Girona (Espanha) e no Grupo de Pesquisa em Psicologia Comunitária (GPPC) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professor do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo – USP, no Departamento de Psicologia Social e do Trabalho, na área de Socialização e Interação em Ambientes Virtuais. Coordenador do E-Lab – Laboratório de Pesquisa em Psicologia e Processos Digitais da USP. E-mail:

Além disso, o pesquisador faz apontamentos sobre as racionalidades tecnológicas que orientam políticas educacionais, as formas de captura dos processos de ensino-aprendizagem, e os movimentos de resistência e reapropriação crítica frente à expansão das plataformas digitais. Por fim, a entrevista apresenta caminhos possíveis para uma formação docente que articule uma visão crítica a partir das proposições da psicologia do digital buscando produzir alternativas aos desafios enfrentados.

Daniel Viana Abs da Cruz é psicólogo, Mestre em Psicologia Clínica pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) e Doutor em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). É professor do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP), no Departamento de Psicologia Social e do Trabalho, na área de Socialização e Interação em Ambientes Virtuais. É pesquisador e coordenador do **E-lab** — Laboratório de Pesquisa em Psicologia e Processos Digitais, instituído pelo Instituto de Psicologia da USP. O laboratório congrega pesquisadores colaboradores, alunos de pós-graduação e graduação de diferentes cursos caracterizando-se como um espaço interdisciplinar de pesquisa e extensão. Daniel Abs é autor de uma vasta produção intelectual sobre estudos que compõe a Psicologia do Digital, tais como contextos digitais de desenvolvimento humano, trabalho digital, saúde mental e tecnologias, conforme demonstra seu Currículo Lattes e suas publicações. Destaca-se, em particular, a organização dos livros *Contextos digitais: encontros, pesquisas e práticas* (UFRGS, 2022) e *Inscrições digitais: encontros entre linguagens, trabalho e tecnologias* (UFRGS, 2023), ambos resultados do trabalho coletivo do Grupo de Pesquisa Contextos Digitais e Desenvolvimento Humano, que posteriormente se transformou no E-lab. Essas obras reúnem contribuições de pesquisadores, educadores e profissionais que refletem criticamente sobre os efeitos das tecnologias digitais em variados campos e também no campo educativo, com ênfase em governança tecnológica, datificação, reprodução ou combate às desigualdades, formação docente e desafios éticos emergentes com o uso de inteligência artificial (IA).

Além dessas produções,pode ser observado na **I Jornada Internacional de Pesquisa em Psicologia do Digital**, ocorrida em novembro de 2025 no Instituto de Psicologia da USP, foi promovida pelo E-lab em parceria com o IRQV/Erídiqv da Universitat de Girona (Espanha) e o Latraps da Universidade Estadual de Maringá (UEM). O evento consolidou um campo de investigação interdisciplinar que articula dimensões éticas, epistemológicas, sociais e clínicas dos processos digitais. O evento reuniu pesquisadores, professores e alunos que trabalham na interseção entre Psicologia e tecnologias digitais, servindo como um espaço para troca crítica e colaborativa sobre os efeitos das tecnologias digitais nos modos de ser, viver e pesquisar em Psicologia. Nesse contexto, a Jornada reforça o compromisso de Daniel Abs em formar psicólogos inventivos e críticos que entendam e atuem no ambiente digital, não como espectadores passivos das mudanças tecnológicas, mas como agentes ativos que possam se apropriar criticamente da disputa tecnológica em questão.

Introdução

Nas últimas décadas, a incorporação das tecnologias digitais nos sistemas educacionais tem sido frequentemente celebrada como sinônimo de inovação e modernização. No entanto, essa narrativa mascara tensões profundas, tais como, disputas axiológicas, novas formas de controle, mecanismos de subjetivação e a tradução crescente da vida escolar em dados governados por métricas, plataformas e modelos algorítmicos. Diante desse cenário, emerge a necessidade urgente de uma reflexão crítica.

É nesse contexto que esta entrevista com Daniel Abs torna-se particularmente relevante. Daniel Abs é uma referência na área de Psicologia do Digital, campo que ele próprio tem ajudado a constituir, pensando as tecnologias digitais não como ferramentas neutras, mas como contextos amplos e complexos que transformam profundamente nossas relações sociais, nossas subjetividades e nossas práticas educacionais.

Um aspecto crucial para enfrentar os desafios das tecnologias em disputa é reconhecer que a educação não pode resolver sozinha as questões que emergem dessa transformação digital. Professores e educadores enfrentam diariamente as consequências subjetivas e relacionais da presença do digital em suas salas de aula se torna ansiedade, fragmentação da atenção, precarização do trabalho docente, vigilância algorítmica, e a dificuldade em estabelecer limites éticos frente a plataformas cada vez mais sofisticadas. Essas não são apenas questões pedagógicas ou técnicas, mas são fundamentalmente, questões psicológicas que demandam uma compreensão profunda de como as tecnologias digitais transformam a subjetividade, a saúde mental e as dinâmicas relacionais tanto de docentes quanto de estudantes.

É aqui que o diálogo com a Psicologia torna-se imprescindível. A Psicologia oferece ferramentas conceituais e metodológicas para compreender os processos de subjetivação que emergem na relação com o digital, para problematizar as formas de controle e vigilância que atravessam as plataformas educacionais, e para pensar estratégias de resistência e cuidado que vão além da simples adaptação tecnológica. Quando educadores dialogam com psicólogos e pesquisadores da Psicologia do Digital, conseguem não apenas compreender melhor os fenômenos que vivenciam em suas práticas, mas também encontrar recursos teóricos e éticos para inventar outras formas de estar e trabalhar com o digital, de forma a priorizar a dignidade, a autonomia e o bem-estar de todos os envolvidos no processo educativo.

Nesse sentido, faz-se necessário levar os professores a entender que a formação docente contemporânea não pode prescindir de uma reflexão psicológica sobre o digital. Professores precisam entender como as tecnologias operam na constituição de suas próprias subjetividades, como elas

afetam sua saúde mental e suas relações de trabalho, não de forma superficial, mas apropriando-se criticamente dessas tecnologias sem serem reduzidos a fiscais ou guardiões, sendo aqueles que conhecem a máquina e seus limites e efeitos no seu próprio corpo, linguagem, trabalho e vida. Esses profissionais precisam também compreender os efeitos psicológicos e relacionais do digital na vida de seus estudantes, para além das narrativas simplistas que ora demonizam, ora celebram essas tecnologias.

Ao longo desta conversa, Daniel nos convida a deslocar o olhar do medo paralisante para a potência inventiva, da proibição para a apropriação crítica; da ilusão da neutralidade tecnológica para uma compreensão das disputas que atravessam a governança, a dataficação e a algoritmização dos processos educativos. Sua perspectiva, ancorada numa posição supramoral e radicalmente humanista, oferece caminhos para pensar como professores e psicólogos podem se apropriar do digital não como reguladores, mas como inventores de saídas técnicas, éticas e políticas.

De maneira muito instigante, Daniel aposta no jogo, na dimensão do lúdico e na dimensão do cuidado como estratégias potentes de intervenção e resistência frente à expansão das plataformas digitais. O cuidado, nessa perspectiva, não é um sentimentalismo ingênuo, mas uma postura ética e política que reconhece que aquilo que nos importa merece atenção, proteção e transformação. Segundo ele é por meio do cuidado que podemos resgatar a potência de ser educador e inventar outras existências possíveis no hibridismo que o digital nos apresenta.

Nesse sentido, essa entrevista contribui aos eixos centrais do dossiê **"Tecnologias digitais em disputa: Subjetividades, saberes e resistências nos processos de ensinar e aprender"** ao problematizar a formação docente no contexto digital, ao questionar as racionalidades tecnológicas que orientam políticas educacionais, e ao apontar para práticas de resistência e reapropriação que não negam o digital, mas o ressignificam a partir de compromissos democráticos e humanistas. Trata-se de uma conversa que nos convida a repensar a educação não como um campo que deve se adaptar passivamente às tecnologias, mas como um espaço de disputa em que outras formas de existência, aprendizagem e subjetivação ainda são possíveis, e onde o diálogo entre educadores e psicólogos torna-se uma ferramenta fundamental para a construção de futuros mais potentes e cuidadosos.

A Entrevista

Entrevistadora: Bom dia, professor Daniel. Você pode nos contar sobre sua trajetória e como surgiu o E-lab, seu laboratório de pesquisa na USP?

Daniel Abs: Sou psicólogo de formação. Fiz mestrado em psicologia clínica na UNISINOS (Universidade do Vale do Rio do Sinos), e doutorado em psicologia do desenvolvimento na UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul). No entanto minha história com o digital é mais antiga.

Desde a infância tive relação com o computador, e meus interesses sempre estiveram entrelaçados entre uma certa comunicação e a Psicologia. Cheguei a cursar comunicação, mas não completei para terminar a faculdade de Psicologia. Isso era no final dos anos 90, quando havia a inserção da internet no Brasil. No entanto, essas discussões passavam muito distantes dos interesses da formação em psicologia. Eram discussões que já estavam presentes no campo da educação e da comunicação muito fortemente, mas pouco na Psicologia.

A partir dos anos 2000, começam a surgir algumas poucas pesquisas sobre redes sociais e psicoterapia *online* dentro da Psicologia. No doutorado, me direciono para um desejo antigo: pesquisar essas interlocuções e faço minha pesquisa com jogos digitais e adolescência. Foi uma das primeiras teses sobre essa relação na intersecção com a Psicologia, no caso a psicologia social, pois foi um estudo sobre as relações sociais em mundos persistentes digitais, que eram os jogos, que estavam em grande moda na época e que agora continuam de um outro jeito. Tem outros formatos de jogos que fazem sucesso hoje, mas é a partir dos jogos que eu faço essa interlocução formal na academia, de um desejo que já acontecia na época.

Durante minha carreira como professor, desenvolvi-a no campo do mundo do trabalho, como psicólogo do trabalho, e também na avaliação psicológica. E, sem muita entrada dos assuntos do digital como um interesse da psicologia, então fazia essa formação no campo de quase de micropolítica dentro da sala de aula, inserindo esse assunto no cotidiano das disciplinas e dando suporte em orientação aos alunos que desejavam fazer seus trabalhos de conclusão de seus cursos com essas temáticas. Isso criou uma certa massa crítica de psicólogos e psicólogas formados pensando e interessados na interlocução entre esses dois grandes campos, ou em problematizar essa interlocução como estava acontecendo.

Em determinado momento, faço concurso e entro na Universidade Federal do Rio Grande do Sul para dar aula na área de gestão de pessoas na escola de administração. Aproveito o clima da universidade pública, que permite a produção de um conhecimento efetivamente mais livre, e que me dá suporte e apoio incondicional para abrir meu grupo de pesquisa: Contextos Digitais e Desenvolvimento Humano. O grupo inicia formalmente no CNPq em janeiro de 2019 e faz pesquisas iniciais na interlocução do mundo do trabalho com o digital. Essas primeiras pesquisas já tem um impacto interessante por abordarem o campo dos motoristas de aplicativos, da plataformização do trabalho e da inserção disso em outras áreas do trabalho humano.

No meio desse caminho, somos surpreendidos pela pandemia. Como um grupo que trabalhava com digital, saúde mental e trabalho, nos vemos no centro desse furacão. Isso nos força a repensar a existência como professor nessa nova realidade, que não é tão nova, mas que surpreende muitos desavisados, de que o digital está aí e veio para ficar! Tem que repensar a sua prática de ensinar com uma nova configuração: uma nova aula, uma nova relação, novos parâmetros para entender a

aprendizagem e novos tempos para pensar o processo do aprender. Então, essas questões todas aparecem nesse momento com muita intensidade.

Ao final da pandemia, somos novamente surpreendidos no Rio Grande do Sul pelas inundações, outro evento traumático que demandou novamente uma mobilização intensa dos laços e das redes solidárias, dos processos de trabalho a partir do digital e de uma nova vivência mais híbrida.

Nesse contexto, faço uma mudança de vida e venho para a USP na primeira vaga aberta em concurso público destinada a essas temáticas, no Departamento de Psicologia Social e do Trabalho do Instituto de Psicologia, denominada "Socialização e Interação em Ambientes Virtuais". Uma vaga nova, criada pelo colegiado do curso para atender essas demandas e que se distingue por ser uma vaga nova no cenário nacional, pois geralmente o que se têm são professores de outras áreas, de outras demandas, e que inserem essa demanda do digital como acessório nesse processo, no campo da psicologia. E essa vaga se distingue por ser destinada a essa discussão com compromisso de abrir um campo de pesquisa, sustentar práticas extensionistas e inserir, como grande desafio, no ensino de graduação de psicólogos o que seria a nossa inserção profissional e a nossa relação de intervenção no mundo do digital.

Nesse contexto, o grupo de pesquisa se transforma no laboratório: o E-lab, Laboratório de Pesquisa em Psicologia e Processos Digitais, instituído pelo Instituto de Psicologia e que congrega diferentes professores e pesquisadores que são colaboradores, alunos de pós-graduação de nossas linhas e de outras, que são acolhidos para fazer suas discussões e interlocuções, e alunos de graduação de diferentes cursos. É um laboratório bastante interdisciplinar, com alunos da Psicologia, comunicação, sociologia, economia, administração e educação, com parceria importante no campo dos estudos da educação.

Entrevistadora: Muito bem. Considerando que você está no campo da psicologia, como você define essa relação: Psicologia e Digital, ou o que tem chamado de "Psicologia do Digital"?

Daniel Abs: Essa é uma discussão que ainda precisa ser feita, mas é importante dar nome para as coisas e a nomeá-la. Historicamente, temos nomes já estabelecidos e que criaram suas referências em relação ao digital: psicologia da informática, ciberpsicologia, *cyberpsychology*. Temos diferentes termos para tentar abordar essa grande questão.

A preocupação em chamar de psicologia do digital tem dois desejos: Primeiro, estabelecer um termo que designe um campo onde pesquisadores, professores, alunos, autores e pensadores se sintam confortáveis o suficiente para desenvolver, seja qual for sua perspectiva teórica, suas reflexões desse encontro, de forma mais inclusiva do que excludente em relação às suas filiações epistemológicas. Segundo, respondendo por que não psicologia digital e sim Psicologia do Digital: é justamente para

evitar a adjetivação digital, que talvez revelasse uma intenção de que existiria também uma certa psicologia analógica. Não é nossa intenção essa operação por exclusão, onde haveria uma Psicologia digital e, portanto, também uma que não é. Não vemos como um bom caminho.

Então, inspirado nas psicologias que também não são psicologias aplicadas, que ainda não seria o melhor caminho, mas pensamos nos grandes campos da psicologia: como Psicologia do trabalho, Psicologia do desenvolvimento, Psicologia da infância, Psicologia da adolescência, como uma Psicologia que pensa e se produz com esses objetos e essas questões.

A psicologia do digital é fundamentalmente uma provocação para que a psicologia olhe para o digital como um objeto de estudo e pesquisa interdisciplinar e, talvez, transdisciplinar, mas um objeto presente e que transforma nosso trabalho e fazer, que pode ser abordado a partir de nossos recursos teóricos e pode gerar intervenções importantes e relevantes que a sociedade nos pede. Pode desenvolver uma formação bastante específica para nossos psicólogos.

Esse é o desejo final dessa nomenclatura: que não seja capturado por nenhuma matriz teórica que o domine, mas que seja sempre um campo plural. A ideia é manter essas fronteiras o mais amplas e inclusivas possíveis. Acho importante.

Entrevistadora: Sim, com certeza.
Daniel Abs: Psicologia do Digital sempre dá pano para a manga...

Entrevistadora: Imagino. Para você, como as tecnologias digitais transformam as subjetividades? Pensando no campo da educação, as subjetividades docentes e estudantis no processo de ensino.
Daniel Abs: As tecnologias digitais operam com efeitos em diferentes camadas que podem ser colocadas em análise para pensar essa problemática. Vamos começar pela camada do trabalho. Há uma transformação primordial na minha relação de trabalho. O que seria Eu, professor? Qual é a tarefa que tenho a desenvolver? Essa questão não é nova. O mundo digital já está fazendo essa discussão com o ensino há um bom tempo: Qual é o lugar do professor num mundo conectado, onde as informações já estão disponíveis?

Conseguimos localizar esse professor num lugar de um certo transmissor de conhecimento, de curador desse conhecimento, de educador. Não apenas na passagem de informação, pois esse lugar da informação se desloca para o mundo digital, e o professor toma um espaço muito relevante na condução desse processo. Uma figura central que opera uma certa transmissão desse lugar. Isso muda muito minha posição de trabalho. Como aprendo a trabalhar a profissão professor? Já se altera.

Hoje temos as inteligências artificiais gerando uma nova transformação: qual é o recurso que vou usar para ensinar alguém a aprender? Veja que essa é a frase: ensinar alguém a aprender. Porque

a resposta já vai sendo apresentada muito pronta, e preciso fazer esse caminho, pegar pela mão e trilhar junto. Muda minha relação de trabalho, minha estrutura de trabalho, a organização do trabalho se altera. Isso certamente terá efeitos na saúde mental dos professores. Essa é a primeira camada.

A segunda camada é a própria compreensão da aprendizagem: como se aprende, o que coloca em questão a nossa escola clássica tradicional, que vem sendo discutida e questionada nas últimas décadas. A questão sobre que sala de aula e que escola temos não é nova, mas continua sendo emergente e urgente. Neste campo, ela se altera novamente, porque vamos aprender do mesmo jeito. É mais um elemento de resiliência se impõe, uma solicitação de resiliência que se impõe a esse fazer docente, que se altera de novo. Nem se acostumou com o que já se alterou e já precisa se reorganizar novamente. Essa é uma camada.

A terceira camada que me parece importante nessa relação, é a de uma sala de aula que é muito maior do que aparenta, porque é uma sala de aula invariavelmente conectada. A operação da socialização não acontece só dentro das paredes desse espaço, não é só no intervalo ou durante a aula, mas ocorre também em toda a ramificação que as redes e os processos digitais geram, seja entre alunos e professores, entre pais entre si, entre pais e professores, entre escola e suas redes ampliadas. Essas conexões estão presentes nesse processo de uma forma como não existia antes e geram novos desafios do tamanho dessa sala. É uma sala que fica imensa para um professor dar conta. Ele precisa redimensionar sua existência nas relações que aborda naquele espaço.

Mesmo os alunos não usando celular na sala, o uso do telefone é uma variável importante, mas não é ela que exclui o digital dessas relações. O digital continua presente nessas relações, mesmo os alunos não usando o aparelho durante o cotidiano da sala ou da escola. Faz-se de outro jeito, mas continua existindo. É importante não criar a expectativa de que o digital fica excluído desse processo e, portanto, também não pode ser excluído do processo educativo. Precisa haver uma educação digital e uma literacia a ser desenvolvida nesses espaços. Senão, não estaremos criando efetivamente um processo de aprendizagem para a existência no mundo digital.

Retomando, temos uma camada do mundo do trabalho, uma camada da aprendizagem, uma camada da socialização que se altera profundamente. Vamos ter que repensar nossa existência nesse lugar. O imaginário da escola, do que é ser aluno, do que é ser professor, de como se aprende, de como se ensina precisa estar sendo questionado constantemente e reorganizado constantemente. Isso causa, obviamente, muito medo, muita angústia, muita desorganização, muito receio. Temos que estar atentos para que nossas respostas não sejam só reativas a isso.

Entrevistadora: É muito interessante essa resposta, porque se havia algum resquício daquela discussão superficial da ideia de que a tecnologia vai acabar com os postos de trabalho, a sua perspectiva

traz, ao contrário, uma outra demanda, um campo enorme aberto a ser preenchido com crítica e possibilidades. Acho isso muito interessante para termos esperança. Nesse sentido, quais elementos dessas transformações tecnológicas você vê presentes em políticas educacionais atualmente?

Daniel Abs: As que mais nos preocupam são as que possibilitam uma maior precarização da relação, tanto de trabalho quanto de ensino. Quando se fragiliza esse lugar central do professor, do ensinante, do educador, pior fica o processo. Não diria processo escolar, mas processo de educação de forma geral. As políticas que fragilizam a carga docente, a relação de trabalho, a necessidade de maior presença e condições de trabalho nesses espaços utilizam as tecnologias numa otimização do ensino ao qual ele não se presta.

Ensinar e aprender têm seus tempos necessários. Há um delírio da velocidade que se publiciza: o mundo da educação deveria acompanhar essa mesma velocidade. Na justificativa da otimização dos fluxos, dos espaços, das salas de aula, do trabalho docente, da preparação de materiais, do acompanhamento das turmas, do próprio trabalho humano envolvido, atropela-se tanto o processo quanto seus tempos necessários. Isso é um problema.

É uma precarização que não é só da ordem da remuneração ou das condições objetivas de trabalho, mas uma precarização subjetiva dessas relações de aprendizagem, que ficam precárias também por conta de um discurso outro, que não necessariamente é do processo digital, mas que é um delírio neoliberal sobre como otimizar esses processos e, portanto, criar uma relação de maior ganho em cima do trabalho. Essa é uma preocupação importante para que a política educacional não seja capturada por um discurso de inovação que, no fim, traz atraso nesse processo.

Entrevistadora: Você já falou um pouco sobre as inteligências artificiais, mas poderia comentar mais sobre sua visão do impacto delas na formação docente?

Daniel Abs: Para fazer esse comentário, preciso situar qual é o lugar que o digital e, portanto, as inteligências artificiais ocupam na relação com esse professor, esse docente ou o ser humano que está ali em última instância. Na constituição do nosso trabalho, pensamos o ser humano na relação com o digital na perspectiva que McLuhan (1969) nos coloca: um ser humano em um corpo que se estende ou se expande no mundo das tecnologias. Há estudos que nos apontam como nossas relações, nosso corpo e nossa memória já se encontram, de alguma maneira, expandidos no digital. Nossa memória acaba residindo fora de nós, nas agendas, nos blocos de contatos, nas anotações. Isso já é um fato que reorganiza nosso mundo cognitivo.

A IA é um elemento que vai reorganizar a forma como lemos, entendemos e apreendemos o mundo. O problema é que a IA é um recurso potente, porém com donos. Nossa posição tem que ser muito atenta, como sociedade, para a forma como essas IAs estão sendo produzidas, geridas e

reguladas. Porque elas vão se misturar com nossa capacidade cognitiva de resolver problemas, organizar soluções e propor intervenções. Não acredito que vá sumir. E não acredito nas saídas policialescas.

O professor não deveria virar o fiscal e policial da sala de aula. Não acho justo atribuir ao docente a função de monitorar a existência da IA nos trabalhos ou na organização da vida do aluno. Porém, é a partir do docente que o aluno vai entender qual é o lugar que a IA vai ter na composição do conhecimento. Então, o docente também tem que se apropriar melhor dessa mescla: seus limites, como essa mistura ocorre, suas condições e suas potencialidades. Até para, na transmissão, conseguir compor uma certa ética de trabalho, uma ética do intelecto e da aprendizagem nesse processo.

Mas para fazer esse caminho, ele vai ter que se deslocar do lugar da proibição para outro lugar, do lugar do medo para outro espaço de desenvolvimento. Ou fazemos as inteligências artificiais nos potencializarem, ou vamos ser reduzidos a fiscais e guardas de trânsito desse processo. É uma escolha que temos a tomar como grande área da educação neste momento. E é uma escolha bastante difícil.

Entrevistadora: Como preparar profissionais, sejam psicólogos ou educadores, para o digital em disputa?

Daniel Abs: O ponto de partida é uma posição radical e irrevogável de uma relação supramoral, como Nietzsche (1992) nos aponta. Sem cair nas armadilhas de que o digital é o salvador de nossas condições precárias de vida e aprendizagem, e também não é o vilão que vai derreter o cérebro de alguém. As visões utópicas ou distópicas devem ser tratadas com ceticismo na minha perspectiva. Essa é uma condição para essa conversa com os educadores.

O que tenho encontrado é um ambiente tomado de medo e receio. A primeira tarefa é mostrar que essas tecnologias têm uma história e não são tão súbitas como algo que acontece da noite para o dia. Elas têm um contexto importante histórico e social em sua produção e quanto mais nos apropriarmos delas, mais condição vamos ter, como sociedade, de estabelecer seus limites, suas regulações, seus processos. Mais condições técnicas vamos ter para dialogar, sair um pouco dos imaginários sobre o digital.

Às vezes somos distantes do funcionamento tecnológico dessas máquinas e criamos muitos imaginários. É importante desmistificar esses processos e dar a eles sua condição mais real possível, sem muitas empolgações, nem ser muito profeta do apocalipse nessa composição. Compreendo que vão se desenvolver novas saídas. Tenho uma crença profunda na capacidade inventiva tanto de psicólogos, como de professores, de todos nós, de uma capacidade de operar sobre a diversidade e compor saídas. Mas essas saídas só conseguem ser acionadas quando nos deslocamos do medo.

Acho que hoje o principal trabalho é dar condições para que o professor ou psicólogo se desloquem do receio e consigam inventar saídas técnicas, éticas, com aspectos políticos, e que consigam se apropriar desse espaço imenso de vivência que é o digital.

Entrevistadora: Pensando nessas saídas, existem no laboratório de vocês pesquisas e temas que já tenham identificado que possam incidir sobre aprendizagem digital?

Daniel Abs: Temos no laboratório um caminho que tem caído em alguns elementos. O primeiro é entender que a principal dimensão de nossa relação social no digital é em relações mais intensificadas de um certo cuidado. Quando aumentamos nosso processo de cuidado, seja com nossa presença nas redes, seja nas relações e interações com os outros, seja no espaço do digital, seja no trabalho que vou entregar, seja na tese ou no trabalho escolar que estou desenvolvendo, qualifica-se minha relação com esse digital. O cuidado é uma dimensão importante que talvez tenha que ser resgatada que passa por um raciocínio de que cuido do que me importa, e também passa por um certo reconhecimento de que o espaço digital não é o uso de uma determinada ferramenta.

Essa questão mobilizou, inclusive, a existência do laboratório e a composição do conceito de contextos digitais que temos trabalhado. É um conceito sistêmico que se opõe à ideia do digital como uma tecnologia, uma ferramenta a ser usada. Pensar o digital como ferramenta nos joga num raciocínio equivocado de que, como ferramenta, ela não é nem boa nem má, de que é seu uso que a determina e que possui alguma neutralidade em sua existência. Pode ser usada para o bem, dependendo de quem é seu dono ou faz seu uso. Isso desconsidera totalmente a natureza do digital e o que ele é hoje em nossa existência.

O digital não é um aparelho que possa excluir da vida de crianças ou adolescentes só pelo não uso. O digital está para além do uso dessas tecnologias. É um contexto amplo e complexo que envolve o uso das máquinas digitais, mas também uma dimensão simbólica das linguagens digitais, da cultura digital, da interação com nosso corpo, de nossa existência que se expande e se produz como trabalho, saúde, aprendizagem, nas redes, nas mídias sociais, nos processos mais amplos desse digital. Existimos nesse campo como um campo de vida, na ideia resgatada de Kurt Levin, de algo que também me produz e faz com que eu seja eu hoje.

A dimensão do cuidado e a dimensão da existência nesse campo é um caminho possível de transformação. Para fazer essas intervenções, estou convencido de que a estratégia mais potente tem passado pelo lúdico. Comentei da minha tese que passa pelos jogos digitais porque o jogo, como aponta Huizinga (2014), é anterior à própria cultura. O jogo estabelece as condições de nossa cultura: um jogo de palavras, um jogo amoroso, o jogo das relações sociais, o jogo político, o jogo das coisas. Saber

jogar o jogo é algo presente em nossa existência. Tudo que remete ao lúdico é absurdamente potente para realizar intervenções.

Não se trata de *gamificar* os processos como o mundo comercial gosta de fazer, mas de entender a potência do lúdico para a intervenção nesse espaço. Utilizar o lúdico, que é absurdamente potente, em conjunto com uma cultura como a nossa, que é absurdamente vibrante e alegre, que é carnavalesca, que transforma suas dores em música e alegria. Se juntar o lúdico a isso, a essa cultura, tem-se um caminho muito potente de intervenção para chegar numa perspectiva melhor de cuidado coletivo com esse espaço digital, com o mundo digital que está nos forjando e nos produzindo. Esse é o caminho que enxergamos como possível a partir dos trabalhos do laboratório.

Entrevistadora: Existe alguma pergunta que não foi feita, mas que você acha relevante para compor esse diálogo e que gostaria de responder?

Daniel Abs: Ficaria muito curioso em saber uma outra pergunta para os professores, porque o medo que têm nos circundado é: eu não vou conseguir ser mais o professor que sei ser, e é muito por esse caminho que nossas conversas têm ido. Então, me deixa muito curioso tentar entender que professor eu desejaria ser e que hoje não consigo. Para ver se há algo do digital que possa me ajudar a compor esse outro professor.

É preciso resgatar um pouco essa potência que está apequenada de ser educador e que nos agarramos firmemente ao que nos restou desse espaço. E libertar um pouco essa condição para uma condição inventiva e potente. Que professor eu desejo ser, que educador eu desejo ser nessa condição? A partir disso, de forma mais viva e potente, questionar o digital: onde estará, como pode atuar, qual sua potência nessa nova história. E talvez consiga me movimentar com menos receio, mais apropriado, e portanto, conseguindo também estabelecer os limites necessários. Nem isso hoje consigo ter claro. Mas fico curioso e instigado para entender dos professores e das colegas, que professora ela gostaria de ser nessa história?

Creio que há uma vontade coletiva meio que abandonada pelo processo que já se foi e que precisa ser resgatada para que se produza uma nova existência nesse hibridismo que o digital está nos apresentando. Ainda vejo como um campo potente para isso.

Agradecimento e despedida

Agradecemos ao Prof. Dr. Daniel Abs pela generosidade em compartilhar suas reflexões através desta entrevista remota, a qual foi previamente agendada via correio eletrônico, e realizada e 23 de maio de 2026 por meio da plataforma Conferência Web, um sistema público de videoconferência que viabiliza encontros síncronos entre pesquisadores, desenvolvida pelo Ministério da Ciência,

Tecnologia e Inovações (MCTI). Trata-se de plataforma gratuita, acessível e criptografa, que se configura em alternativa a plataformas internacionais.

Citar esta plataforma é, para além de descrever a natureza desta produção, uma forma de demonstrar nosso cuidado e compromisso em criar novas formas de produzir conhecimento, menos capturadas pelo colonialismo digital que permeia nossos trabalhos e nossas vidas atualmente.

Considerações éticas

Este trabalho foi elaborado com apoio de ferramentas de inteligência artificial (IA) para fins de estruturação, referenciação bibliográfica e formatação, mantendo a autoria intelectual e a responsabilidade editorial do pesquisador sob supervisão humana. A transcrição original foi revisada e corrigida para fins de clareza e precisão acadêmica, preservando a fidedignidade ao conteúdo e intenção do entrevistado. A entrevista foi conduzida conforme protocolos de pesquisa, com consentimento prévio do entrevistado. Este trabalho segue os princípios éticos estabelecidos no Referencial para Desenvolvimento e Uso Responsáveis de Inteligência Artificial na Educação (MEC, 2026), em especial quanto à transparência, supervisão humana significativa e alinhamento com objetivos educacionais.

Referências

ABS, D.; MALO, S.; VIANA, M.; BEER, P. (Coords.). **I Jornada Internacional de Pesquisa em Psicologia do Digital**. São Paulo: E-lab – Instituto de Psicologia – USP, 2025. Disponível em: https://psicologiadodigital.com.br/. Acesso em: 24 maio 2026.

ABS, D. (Org.). **Contextos digitais:** encontros, pesquisas e práticas. Porto Alegre: UFRGS, 2022. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/handle/10183/245521. Acesso em 23 de maio de 2026.

ABS, D. (Org.). **Inscrições digitais:** encontros entre linguagens, trabalho e tecnologias. Porto Alegre: UFRGS, 2023. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/handle/10183/266267. Acesso em 23 de maio de 2026.

ABS, D. V. da Cruz. **Juventude e jogos digitais:** envolvimento e relações sociais através dos Massively Multiplayer Online Role-Play Games. 2012. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/70055/000875677.pdf?sequence=1. Acesso em 23 de maio de 2026.

BERNARDI, G.; ABS, D. **Masmorras e dragões:** imersão, presença e flow em Role-Playing Games. In: ABS, Daniel (Org.). Contextos digitais: encontros, pesquisas e práticas. Porto Alegre: UFRGS, 2022. p. 84-90.

BRASIL. Ministério da Educação. **Referencial para desenvolvimento e uso responsáveis de inteligência artificial na educação.** Brasília, DF: MEC, 2026.

HUIZINGA, J. **Homo ludens:** o jogo como elemento da cultura. São Paulo: Perspectiva, 2014

LEWIN, K. **Teoria de campo na ciência social.** São Paulo: Cultrix, 1965.

McLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensões do homem.** São Paulo: Cultrix, 1969.

NIETZSCHE, F. **Para além do bem e do mal:** prelúdio de uma filosofia do futuro. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

Recebido: 24/05/2026 *Received: 05/24/2026* *Recibido: 24/05/2026*
Aceito: 17/08/2026 *Accepted: 08/17/2026* *Aceptado: 17/08/2026*